Livros de Geografia na primeira biblioteca pública da Cidade de São Paulo

Libros de Geografía en la primera biblioteca pública de la Ciudad de São Paulo

Geography books in the first public library of the City of São Paulo

Livres de géographie dans la première bibliothèque publique de la ville de São Paulo

Daniel Mendes Gomes

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2404>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.2404

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrônica

Daniel Mendes Gomes, «Livros de Geografia na primeira biblioteca pública da Cidade de São Paulo», *Terra Brasilis* [Online], 9 | 2017, posto online no dia 29 dezembro 2017, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2404> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.2404>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Livros de Geografia na primeira biblioteca pública da Cidade de São Paulo

Libros de Geografía en la primera biblioteca pública de la Ciudad de São Paulo

Geography books in the first public library of the City of São Paulo

Livres de géographie dans la première bibliothèque publique de la ville de São Paulo

Daniel Mendes Gomes

Introdução

- 1 O ideário iluminista atingiu o âmago da elite paulista desde os meados do século XVIII. Havia na capital paulista padres e leigos formados na recém-reformulada Universidade de Coimbra, que, com espírito liberal e reformista, traziam novas ideias para a elite de São Paulo de Piratininga.
- 2 Para o historiador e padre Aluísio de Almeida¹ (1998) o Iluminismo – que desde 1759, com a expulsão dos padres jesuítas das possessões portuguesas, queria se desvincular do conhecimento escolástico – teria, no final do século XVIII, influenciado o clero paulista. No entendimento do autor, este iluminismo era eminentemente liberal.
- 3 Antes das reformas de 1759 e 1772, São Paulo era um reduto jesuítico, desde sua fundação. A partir de então, outras ordens religiosas, notadamente os franciscanos, beneditinos e carmelitas, já presentes na província, ganharam força e se tornaram os responsáveis pela instrução e formação dos clérigos e da elite paulista, que preparava seus filhos para os exames de admissão na Universidade de Coimbra. Dessas ordens destacamos a atuação dos franciscanos na diocese de São Paulo, fundada em 1745. Eles se fizeram representar pelo segundo bispo, Frei Antônio da Madre de Deus Galvão (1750) e ocuparam a diocese paulista até 1795.

- 4 Segundo Almeida, nos estudos menores na província, a filosofia aristotélica-escolástica fora suprimida e substituída por estudos da filosofia influenciados por Descartes, Kant e no empirismo de Locke. Ainda sobre as reformas de ensino promulgadas pelo Marques Pombal, o autor acresce que:

Se a regulamentação do ensino primário resultou em números tão escassos, a de humanidades foi mais feliz no começo. Porquanto logo São Paulo, Capital, teve três professores, o de latim, o de retórica, e o de filosofia. Faziam exames perante o bispo, como diretor dos estudos. Este os apresentava ao capitão-general que os nomeava. A lista dos alunos é sempre pequena, porém. Na aula de retórica aparece o padre Feijó, Perto de 800 já há leigos formados em Portugal e que vêm suceder aos padres seculares. De latim é o mestre da música da Sé, André da Silva Gomes, e o de retórica, Estanilau José de Oliveira, é o Gica Retórica, pai e avô de titulares do Império, e que, aposentado, se fez fazendeiro. (Almeida apud Moura, 1998:53)

- 5 O ensino de Geografia como disciplina ministrada na Província de São Paulo tem suas origens em 1834 com a regência de uma cadeira de História e Geografia no Curso Anexo à Academia de Direito (Gomes, 2016). No entanto, isso não significa que antes de 1834 não houvesse estudo ou interesse sobre esse conhecimento. Livros de geografia geral, geografia antiga, atlas, mapas de viagem, atlas para meninos dentre outras obras já faziam parte do acervo da primeira biblioteca pública da província de São Paulo inaugurado em 1825. Ellis (1957) resgata o inventário dessa biblioteca feito pelo seu primeiro bibliotecário, o padre José Antônio dos Reis, que elaborou em 1826 a seguinte classificação para o inventário desta biblioteca: Escrituras Sagradas e Santos Padres; Liturgia; Teologia Natural, Dogmática e Moral; Direito Canônico; Direito Natural e Civil; Teologia Mística; Sermonários; Filosofia, Matemática, História Natural, e Física; Retórica e Poética; Geografia; Dicionários e Artes das Línguas; História Universal e Particular; e Miscelânea. A biblioteca, que era localizada no prédio do Convento dos Franciscanos, foi inventariada em 1512 títulos e 4809 volumes.
- 6 A biblioteca foi formada a partir da compra de duas bibliotecas particulares, uma pertencente ao convento dos Franciscanos e outra ao quinto bispo de São Paulo, D. Mateus de Abreu Pereira, falecido em 1824. O inventário também apresenta uma relação de 37 livros que foram vendidos à população, dentre os quais destacamos um Dicionário de Geografia de Vosgien (um volume). No que diz respeito aos livros de Geografia, o inventário de José Antônio dos Reis classifica 15 títulos totalizando 43 volumes como obras de Geografia. No entanto, podem ser identificadas outras obras com teor geográfico, classificadas pelo autor em outras categorias.

Obras de Geografia segundo a classificação do bibliotecário José Antônio dos Reis

Título	Autor	Volumes
Medida dos três primeiros graus do meridiano	M. De la Condamine	1
Geografia, de Vaissete	Vaissete	12
D.a antiga	M. d'Anville	3
Indagações e reflexões sobre a Geografia	Ten. Cel. D. Mel. de Aguirre	1

Uso dos Globos	Bion	1
Atlas dos meninos	n/c	1
Geografia Geral	Vanerio ²	4
Novo Atlas portátil de Vaugondy, aumentado	Dalemarche	1
Mapas das Viagens de Cook	n/c	1
Coleção de mapas geográficos, estatísticos, etc. e as duas esferas.	n/c	1
Dicionário Geográfico	Vosgien	2
Atlas histórico, genealógico, geográfico etc.	M. La Sage	1
Coleção de mapas geográficos	n/c	1
Geografia de Busching	Mr. Berenger	12
Atlas etc. para a História Filosofia	n/c	1

FONTE: Elaborado a partir do inventário publicado por Ellis (1957)

- 7 Há mais livros que, embora não classificados na categoria “livros de Geografia”, por seu título podem ser considerados geográficos ou relacionados ao estudo de Geografia:

Livros geográficos não classificados como “obras de Geografia” por José Antônio dos Reis

Título	Autor	Volumes
3ª Viagem de Cook	n/c	8
Viagem ao Cabo da Boa Esperança	n/c	3
Viagens de Richard Pockocke ao Oriente no Egito	Traduzido por uma sociedade de sábios	6
Memórias sobre a América	D. Ulloa	2
Viagem à Índia	La Lande	16
Corografia Portuguesa	Pe. Antônio de Carvalho Costa	3
Geografia Histórica de todos os Estados Soberanos de Europa	D. Luiz Couto de Lima	3
Mapa de Portugal antigo e moderno	Pe. João Batista	3
Zoologia Geográfica	Zimmermann	1

Elementos de Mineralogia	M. Le Sage	2
Indagação sobre diferentes pontos importantes do sistema do mundo	D'Alambert	3

Fonte: Elaborado a partir do inventário publicado por Ellis (1957)

- 8 Deaecto (2011) chama atenção ao caráter científico da biblioteca, por ser composta em boa parte por livros seculares. Esses livros já eram usados por estudantes aspirantes à Universidade de Coimbra antes mesmo da constituição da biblioteca pública da cidade, quando ainda pertenciam as bibliotecas particulares de D. Mateus e dos franciscanos. Já Ellis (1957) relata que somente a biblioteca do terceiro bispo de São Paulo, D. Frei Manuel da Ressurreição, posteriormente incorporada à biblioteca dos franciscanos, possuía quase dois mil livros e que estavam à disposição de clérigos e estudantes.
- 9 Daecto (2011: 77) também menciona que a biblioteca de D. Mateus, totalizada em 1059 títulos, localizada em uma chácara localizada na rua da Glória, nos arredores da cidade, era muito frequentada por estudantes e seminaristas. A autora também chama atenção para o acervo de D. Mateus que, apesar de ser clérigo, possuía em sua biblioteca particular obras variadas.
- 10 Tratados de história, geografia, zoologia, astronomia, botânica, mineralogia, geometria, atlas e dicionários mostram o caráter ilustrado da biblioteca pública da Província de São Paulo. O conhecimento geográfico estaria então junto ao conjunto de conhecimentos científicos que naquele momento já eram considerados importantes para a ilustração dos sábios.
- 11 A partir de tais obras, podemos atribuir um viés ilustrado ao conhecimento geográfico na província. Esses livros compunham o que os autores de livros de Geografia do final do século XVIII e início do XIX concebiam como conhecimento moderno. Não se buscava ainda a geografia comparada de Carl Ritter, que seria publicada em meados do séc. XIX, mas sim a geografia dos viajantes, do conhecimento do mundo. História e Geografia se articulavam em um estudo de reconhecimento da Terra.
- 12 Não se trata tanto, aqui, de confrontar as literaturas geográficas “antiga” e “moderna” (a primeira em tese descritiva e a segunda supostamente científica), em uma perspectiva evolucionista do conhecimento geográfico; mais importante que isso seria apontar a carência de estudos que abordem como este conhecimento foi produzido e absorvido antes da chamada Geografia Moderna ou Científica, por intermédio de determinados grupos sociais. Autores como Horacio Capel (1989) e Capel e Urtega (1984) estudaram a evolução do pensamento geográfico e a história da formação da disciplina; no entanto, não entraram na questão de como autores clássicos da Geografia foram lidos, difundidos e apreendidos pela comunidade não acadêmica de leitores, ou seja, sujeitos não necessariamente ligados à ciência, mas que tinham interesse por Geografia.
- 13 Outros autores defendem o caráter antigo da ciência geográfica, apesar das mudanças epistemológicas ocorridas desde o final do século XVIII, que proporcionaram um novo arranjo para este campo do conhecimento, dando-lhe uma forma acadêmica. Segundo Tatham (1959: 198), “todos os principais ramos da geografia foram estabelecidos pelos gregos” e essa ciência teria existido em todos os períodos da história da humanidade. Desde que ganhou seu lugar como um conhecimento específico, a Geografia conseguiu

mantê-lo. A curiosidade e a dimensão geográfica ampliaram-se na mesma medida em que os conhecimentos sobre novas terras foram também alargados e difundidos. Isso remonta às Grandes Navegações e ao acúmulo de notícias sobre outros povos, culturas, assim como as diferenças naturais quanto ao tamanho e volume dos rios, novas espécies de animais e plantas e diferenças de clima e relevo constatados ao partir do século XVI. Tudo isso, de certa forma, remonta à própria história do conhecimento científico. Fazer ciência geográfica era conhecer o mundo, diferenciar suas partes, descrevê-las e localizá-las corretamente.

- 14 Autores como Tatham (1959) e Vieira e Santos (1966) apontam para importância da Geografia Clássica e em especial da *Geographia Generalis* de Bernard Varenus (1622-1650), que teria contribuído significativamente para o avanço da Geografia Moderna. Tal importância é destacada também por Bauab (2011), ao comentar a obra de Varenus publicada no ano de 1650 em Amsterdã. Esta obra teve duas edições organizadas por Isaac Newton em 1672 e em 1681 e uma nova versão atualizada em 1712. Durante o século XVIII, foi traduzida para o inglês, italiano, francês, russo e holandês. Segundo Bauab, seu êxito está relacionado à nova forma de se conceber a Geografia, estritamente ligada à ciência moderna. Neste sentido, Varenus teria recebido forte influência dos novos procedimentos de investigação pautados na matemática cartesiana e na ciência experimental. As Descobertas Marítimas – então em pleno vigor – também deram um impulso ao avanço do conhecimento geográfico da Terra que, naquele momento, necessitava ser cartografada e melhor conhecida para o avanço do comércio marítimo.
- 15 Assim, a Geografia Geral de Varenus rompia com os antigos tratados de Geografia que se baseavam nos dogmas religiosos, fábulas, contos ou em fontes pouco confiáveis. Bauab destaca o caráter científico da obra de Varenus reconhecendo-o como um precursor da Geografia Moderna.
- 16 Nessa mesma linha interpretativa, Silva (2012), ao estudar as origens do ensino de Geografia na Real Escola Militar do Rio de Janeiro, Silva (2012) esclarece que o ensino de Geografia foi fortemente influenciado pela orientação clássica de dois autores geógrafos que tiveram suas obras publicadas na virada do século XVIII para o XIX: Abbé Nicolle de La Croix (1704-1760) e John Pinkerton (1758-1826).
- 17 Os referidos autores fazem parte da plêiade de intelectuais que, de certa forma, deram ao conhecimento geográfico uma feição erudita e quiçá científica. Analisando a seção dos lançamentos literários e científicos do jornal *Correio Braziliense* entre 1808 e 1822, nota-se a importância dada aos estudos de caráter geográfico. Autores como Le Sage, Pinkerton, Smith, Mantelle e Malte Brum eram considerados grandes geógrafos no início do século XIX (*Correio Braziliense*, março de 1819). Muitos dos novos autores de mapas, tratados de Geografia e corografias utilizavam-se desses autores para compor suas obras. Foi este o caso do coronel português Joaquim Pedro Cardozo Casado Giraldez, autor de obras numerosas: *Mapa Geográfico, Histórico e Mercantil de todo o império português* (1818); *Tratado Completo de Cosmographia-histórica e Chronologia Antiga e Moderna* (1819); além de diversos mapas do Reino. As notas emitidas pelo jornal sobre as obras do autor mostram que ele fez uso do que havia de mais moderno do conhecimento geográfico e contribuiu para o avanço dessa matéria em Portugal. Autores estrangeiros eram considerados referência nos estudos da Geografia.
- 18 Voltando para a composição do ensino de Geografia na Província de São Paulo, não há como desconsiderarmos a influência das obras de Geografia contidas na primeira

biblioteca pública desta província. Não sabemos por quem essas obras foram lidas, mas o fato de estarem disponíveis em uma biblioteca pública mostra que a ciência geográfica tinha alguma notoriedade. Afinal, o que teria levado os clérigos paulistas a adquirir tais obras e a disponibilizá-las?

- 19 Estudos sobre a constituição de bibliotecas particulares e públicas no período colonial elaborados por Rubens Borba de Moraes (1979) e Eduardo Frieiro (1981) podem nos ajudar a responder tal questão.
- 20 Frieiro pesquisou a biblioteca do conjurado mineiro Luís Vieira da Silva. O cônego inconfidente, mesmo sendo de escassos haveres, possuía uma biblioteca composta por 270 obras, com perto de 800 volumes. O pesquisador chama a atenção para o caráter da biblioteca do cônego formada em grande parte por livros seculares e por obras proibidas pela Real Mesa Censória. Apesar da censura, Frieiro (1981: 20) afirma que mesmo os livros considerados perigosos foram lidos e “que os intelectuais de Vila Rica leram tudo o que quiseram ler”. Esse fora o caso de muitos membros da Inconfidência Mineira.
- 21 Os livros de Geografia não faziam parte das obras proibidas pela Real Mesa Censória, consideradas perigosas, mas compunham um acervo que ilustrava as bibliotecas; eram livros considerados elementares, ou seja, livros cujo conteúdo era tido como a base para os estudos elaborados. Nas palavras de Frieiro (1981: 26):

Existia uma boa quantidade obras elementares de ciências e conhecimentos úteis, tratados de Física, Geometria, Astronomia, História Natural, Geografia, noções de Agricultura e de Arte militar, manuais de Matesiologia e de Docimasia etc., em francês, pela maior parte.
- 22 Tais obras formavam um acervo útil, de conhecimentos elementares, para o aprendizado de qualquer um que se interessasse pelos grandes temas de economia, filosofia e das ciências de uma maneira geral, em uma época em que as ideias empiristas de Locke e a física Newtoniana já começavam a surtir influência na mentalidade europeia.
- 23 A biblioteca do cônego continha um acervo de obras geográficas de autores célebres do final do século XVIII, época em que a biblioteca fora constituída. Sobre isso, nos informa Frieiro (1981: 36):

Sobre a geografia tinha o Cônego dois dicionários, ambos em francês (um seria, provavelmente, o de Ladvocat e Vosgien) e a *Géographie moderne*, em dois volumes, de Nicolle de Lacroix, que durante muito foi clássica na França.

A gosto da geografia e das viagens e explorações prendia-se o gosto das ciências e, em particular, das ciências naturais. E também o gosto dos estudos históricos, pois a história confirma a geografia, ou esta confirma aquela.
- 24 Se esta hipótese for verídica podemos afirmar que gosto pelo estudo da Geografia chegou ao homem letrado do final do século XVIII e início do XIX por meio de uma geografia elementar, uma geografia de base, que tinha como principal objetivo difundir o conhecimento da Terra, isto é, descrever os diversos lugares e localizá-los em distintas escalas geográficas. Isso não significa que não houvesse outros usos do conhecimento geográfico no âmbito militar e nas políticas de Estado. Mas, ao que parece, o gosto popular por esse tipo de conhecimento estava mais atrelado a uma necessidade de se conhecer melhor o mundo, etapa preparatória para estudos de diversos gêneros. É isso que transparece na queixa do Governador-geral da Capitania de São Paulo, Antônio Manoel de Mello Castro e Mendonça, no ano de 1801:

...antes se imprimissem todas as [obras] Elementares, principiando pelas que são necessárias para o uso de escolas de primeiras letras, e depois as que são indispensáveis a qualquer homem que não se destina a maiores Estudos, como são Elementos de História, de Geografia, e em fim de todas as mais Artes, e Ciências, de maneira que iniciados os Povos nos conhecimentos gerais, e que devem ser comuns em toda a classe de pessoas, possam depois pela lição desses preciosos impressos, fazer os maiores progressos, e tirarem delas todas aquelas vantagens que S. A. R. se propôs quando se dignou mandar por em execução tão útil projetos. (Documentos, 1896: 41)

- 25 Tudo indica que havia na cidade de São Paulo, nos fins do século XVIII, uma demanda por conhecimentos científicos (dos quais a geografia fazia parte) por parte de uma elite letrada. A assertiva do governador-geral de São Paulo em 1801 parece emblemática. A população planaltina tinha maior necessidade de obras de cunho histórico e geográfico do que dos livros enviados pelo governo português, em sua maioria tratados sobre cultivo de diversos gêneros alimentícios.
- 26 Antônio Manoel de Mello Castro e Mendonça recebera algumas remessas de livros da Corte do Império para serem vendidos em praça pública. Porém o governador-geral atesta a dificuldade de vender tais obras. Pela falta de compradores, a maior parte dos livros foi adquirida pelo próprio governo local, que assumia as despesas e remetia os valores correspondentes à Corte Portuguesa. Castro e Mendonça atribuía a falta de compradores ao desinteresse da população por esse tipo de literatura. As obras enviadas não correspondiam às necessidades do público paulista, que ainda estaria muito aquém dos conhecimentos desenvolvidos pelos tratados enviados.
- 27 O conselho de Mendonça às autoridades portuguesas era de que se iniciasse a tentativa pelas obras elementares, através do envio de livros para as escolas de primeiras letras e, posteriormente, se enviasse obras de cultura geral, “indispensáveis a qualquer homem que não se destina a maiores Estudos, como são Elementos de História, de Geografia” (Documentos, 1896: 41). Essa afirmação nos leva a refletir sobre a importância do conhecimento geográfico no início dos oitocentos. Afinal, para que finalidade servia o estudo da Geografia?
- 28 É necessário ressaltar que o gosto e a procura por uma literatura geográfica não ocorreu de forma rápida na sociedade brasileira, muito menos na população paulista de meados do século XIX, nosso caso específico. Esse conhecimento teve sua difusão acelerada a partir do momento em que a Geografia começa a ser definitivamente escolarizada, tendo assim a necessidade de livros didáticos. Ao que parece, o estudo de Geografia em São Paulo ocorrera por parte de uma elite letrada composta pela alta sociedade paulistana, pelo clero que exercia a função docente e pelos próprios estudantes, filhos da elite paulista que se preparavam para o ingresso em cursos superiores fora da colônia.

Das obras de Geografia da Biblioteca Paulista

- 29 Pouco restou do acervo da primeira biblioteca pública da cidade de São Paulo. Boa parte dos livros foi destruída pela ação do tempo e deteriorada por traças e outros insetos. No entanto, a biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo preserva em seu acervo as obras que sobreviveram a intempéries de dois séculos, que podem nos auxiliar na investigação sobre o que deveria ser lido de Geografia no final século XVIII e início do século XIX.

- 30 Dos livros encontrados na biblioteca da Faculdade de Direito somente um, *Nouvel Atlas Portatif*, temos certeza que pertenceu à primeira biblioteca pública paulista.³ Os demais foram provavelmente incluídos ao longo da primeira metade do século XIX por meio de requisições dos professores que lecionaram Geografia no Curso Anexo ou por correspondentes no exterior que, ao pesquisarem as principais obras de referência na Europa, enviavam um ou mais exemplares ao Brasil, para incrementar as bibliotecas das faculdades do Império (Gomes, 2016: 85). De qualquer maneira, as obras em questão já constam no inventário dos livros da biblioteca da Faculdade de Direito, elaborado pelo bibliotecário Reverendo Marcelino Ferreira Bueno em 1844.⁴
- 31 Não sabemos como essas obras foram utilizadas e quantas pessoas as consultaram. No entanto, se havia certo gosto pela literatura geográfica ou se houvesse a necessidade de seu estudo por parte da mocidade estudantil desse período, estas foram, certamente, algumas de suas referências. Passamos, a seguir, à enumeração das obras identificadas, acompanhadas da descrição de suas características básicas.
- 32 Começamos por uma obra de Malte Brum: *Précis de La Géographie Universelle ou description de toutes les parties du monde*, obra escrita dividida em quatro volumes publicados entre 1812 e 1813. No primeiro volume, o autor faz a descrição e o histórico da ciência geográfica começando por uma “Geografia Primitiva” abordando desde Moisés, Homero, os hebreus, os egípcios e outros povos da antiguidade seguindo a ordem cronológica até o período das Grandes Navegações, descrevendo o continente americano. O segundo volume é dedicado à teoria da Geografia. Nesse volume o autor dividiu os capítulos por áreas de estudo abordando estudos da geologia, astronomia, distribuição geográfica dos animais, vegetais, dos tipos humanos, do relevo, clima, mares, lagos e relevo. Do terceiro ao quarto volume, o autor aborda a Geografia Geral da África, Ásia e Oceania, descrevendo partes e particularidades dos continentes.
- 33 Encontra-se também na biblioteca a obra *Les fastes universels ou Tableaux historiques chronologiques et géographiques*, publicada em 1821 por M. Buret Longchamp e vendida em sete livrarias localizadas em Paris e mais oito lojas espalhadas pela Europa. O livro apresenta quadros mostrando as divisões dos continentes e países, seus povos, origens e ordens das dinastias.
- 34 Outro exemplar do conhecimento geográfico e científico da época a merecer a leitura do estudante paulista é o *Atlas Géographique, statistique, historique et chronologique des deux Amériques et des îles adjacentes*. De autoria de J. A. Buchon, a obra foi adaptada de um atlas da América de Le Sage e publicada em Paris no ano de 1825. Todo escrito no idioma francês, o atlas de Buchon apresenta 63 três mapas do continente americano. Ao todo são 42 mapas da América Setentrional, dos quais 39 correspondem aos Estados Unidos e suas subdivisões por estados federados. Com predomínio de mapas dos Estados Unidos da América, o atlas traz o texto da Constituição dos Estados Unidos e uma descrição histórica exclusiva desse país. Somente o primeiro mapa apresenta todo o continente americano, dividindo-o em duas grandes regiões: América Meridional e América Setentrional. O mapa é acompanhado de textos informativos sobre o continente apresentando um esboço histórico e características gerais.
- 35 A partir do segundo mapa o atlas mostra o que o autor denomina América Setentrional, correspondendo ao que hoje denominamos Américas do Norte e Central. O mapa é acompanhado de textos subdivididos em categorias: montanhas, baías e golfos, lagos, rios, divisões e história. Os 13 últimos mapas que compõem o atlas distribuem-se na representação do restante do continente. Há apenas um mapa do Brasil.

- 36 O autor complementou os mapas trazendo informações históricas e estatísticas dos países em textos ao lado dos mapas. Estes textos não foram reproduzidos nesta tese. Eles compreendem em dados referentes aos limites de cada país, as principais vilas, comércio, religião, história, clima, rios, aspectos do solo, produção, comunicação interna e Governo.
- 37 Três obras de Alexander Von Humboldt publicadas entre os anos de 1811 e 1834 foram localizadas na biblioteca. A primeira é o *O Atlas Géographique et Physique du Royaume de La Nouvelle-Espagne* (Paris, 1811), que não apresenta textos explicativos como no atlas anteriormente referido. O trabalho de Humboldt consistiu em cartografar a Nova Espanha, região hoje composta pelo México e o sul dos Estados Unidos, apresentando em diferentes escalas gráficas detalhes técnicos sobre o terreno desta região. Além dos mapas, o autor também traçou perfis de relevo com escala de altitude e níveis barométricos, desenhando paisagens com vulcões, montanhas e vales.
- 38 O mesmo procedimento é adotado pelo autor na obra seguinte, o *Atlas Géographique et Physique des Regions Équinoxiales du Nouveu Continent*, desta vez apresentando estudos sobre a hoje denominada América Central. Humboldt fundamentou seus estudos em observações astronômicas e medidas trigonométricas e barométricas, traçou perfis de cursos de rios, relevo e estrutura geológica.
- 39 Finalmente, consta também *Voyage de Humboldt et Bonpland première partie: relation historique* (1834), que constitui a primeira parte do *Atlas Geographique et Physique*. Nesta obra, os autores traçam uma evolução histórica do conhecimento geográfico, iniciado desde os tempos remotos, nas tentativas de viagens dos povos antigos pelo Mar Mediterrâneo e proximidades do Oceano Atlântico. As antigas descrições e viagens do mundo então conhecido remontam a uma progressiva marcha em direção ao Ocidente, servindo como ensaio para as grandes navegações e avanços do conhecimento. A virada do século XV para o XVI é marcada por uma alteração brusca nos campos da Geografia pela chegada dos europeus ao Novo Continente. A América abre-se como um novo campo de investigação científica: vegetação, povos, relevo, rios são objetos de atração de viajantes e cientistas. Humboldt e Bonpland não ignoram o conhecimento elaborado por estudos geográficos anteriores. Os autores renovam esta tradição, fornecendo dados capazes de avançar o conhecimento geográfico através do registro de suas viagens, realizadas entre os anos de 1799 e 1829 pelo continente americano.
- 40 No gênero “atlas”, outras obras disponíveis na biblioteca eram o *Nouvel Atlas Portatif* e o *Atlas Delamarche*. Este último constituiu o principal difusor da cultura cartográfica escolar do século XIX no Brasil. Foi adotado como obra didática para as aulas de Geografia e História no Colégio Pedro II (Vechia e Lorenz, 1998: 34) e indicado, em manuais didáticos, como auxiliar no ensino de Geografia, já que os primeiros manuais escolares dessa matéria eram desprovidos de mapas (Jacquier, 182: II). Segundo Maia (2014), o *Atlas Delamarche* foi adotado nos anos de 1856, 1858, 1862, 1877 e 1878, para uso nas aulas de Geografia no Colégio Pedro II. A adoção desse atlas também foi mencionada por Rocha (2010) e Haidar (2008) ao discutirem o caráter francês do curso secundário brasileiro, no caso do primeiro autor, especificamente do curso de Geografia.
- 41 No entanto, não encontramos estudos específicos e detalhados sobre a obra ou sobre o autor em questão. O nome Delamarche remonta a uma família de geógrafos que enriqueceram com a venda de mapas, atlas, globos e esferas como materiais didáticos para aulas de Geografia e História. Quando procuramos um *Atlas de Delamarche* nem sempre o encontramos com esse título. Delamarche seria então o nome da editora que

levava o nome de seu proprietário e que tinha os direitos autorais de uma série de atlas produzidos por eminentes geógrafos do século XVIII.

- 42 Charles François Delamarche (1740-1817) fundou a Maison Delamarche empresa importante na confecção de mapas. Com sede em Paris, a Chez Delamarche adquiriu os direitos de publicações dos atlas de Robert de Vaugondy, que, segundo apresentação descrita em uma de suas publicações, o *Atlas Universel par M. Robert*, foi “Geógrafo ordinário do Rei e de S. M. Polonesa Duque de Lorraine e de Baron e da Associação da Academia Real de Ciências e Belas Letras de Nancy”⁵ (Vaugondy, 1757: folha de rosto).
- 43 Foram encontrados e consultados na biblioteca da Faculdade de Direito da USP dois atlas de autoria de M. Robert de Vaugondy. O primeiro, publicado em 1757, *Atlas Universel par M. Robert*, ainda não fazia referência a Maison Delamarche. A obra foi publicada por Boudet, *Libraire Imprimeur*, juntamente com o próprio autor. O atlas foi produzido em tamanho grande, *in-fólio*, dedicada ao rei e sem referências ou indicações para o uso escolar.
- 44 Já no *Novo Atlas Portatif*, de 1795, a obra aparece publicada por Delamarche Géographe e com a indicação “destinado principalmente à instrução da mocidade”.⁶ O nome de F. Delamarche aparece na folha de rosto da obra como Geógrafo sucessor de J. Fortin, engenheiro mecânico de globos e esferas,⁷ e nos mapas como *C. F. Delamarche, Geógrafo Sucessor de Robert Vaugondy*.⁸
- 45 Estimamos que as duas obras Robert Vaugondy guardadas na biblioteca da Faculdade de Direito da USP serviram de consulta para a mocidade estudantil paulista. Tendo em vista que um dos livros didáticos de Geografia utilizados nas aulas do Curso Anexo indicava o *Atlas de Delamarche* (Jacquier, 1825: II), podemos considerar os dois atlas como obras fundamentais para complementar os estudos dessa matéria.

Algumas considerações finais

- 46 Não há como desconsiderar a ingerência das obras de Geografia contidas na primeira biblioteca pública da Província ou, de forma mais ampla, as grandes obras de Geografia do final do século XVIII e começo do século XIX.
- 47 A Geografia como disciplina escolar no Brasil tem sua origem no século XIX. Antes, seu estudo era feito de forma implícita, ou seja, junto com outros conhecimentos sem uma disciplina separada dedicada a tal fim (Silva, 2012). Fora disso, somente em outras esferas de aprendizado que não fossem necessariamente escolares.
- 48 No entanto, não há como entender como a Geografia foi introduzida nas práticas de leitura brasileira sem considerarmos como esse conhecimento estava, cada vez mais, ganhando relevância no cenário internacional. O espírito das luzes vinha colocando em cheque antigos modelos educacionais, pautados preponderantemente em fundamentos religiosos. A Geografia produzida desde o Renascimento procurava descrever a Terra sob um aspecto estritamente científico, procurando conferir uma imagem mais clara e racional ao mundo. A Geografia, matéria escolar nascida na França, atuava como um conhecimento necessário, pano de fundo para o entendimento da história, da retórica e de qualquer estudo que fizesse referência à existência na Terra. Condorcet, ao escrever suas *Cinco memórias sobre a instrução pública* em 1791 e apresentá-las na forma de projeto de educação, em 1792, entendia que o ensino de Geografia deveria proporcionar ao

aluno um quadro geral do mundo, sem se ater às minúcias da ciência e evitando grandes descrições:

Refiro-me a uma explicação mais ou menos desenvolvida de um quadro que, seguindo a ordem do tempo, apresentaria para cada época a distribuição da espécie humana sobre o globo, seu estado em cada uma dessas divisões, o nome dos homens que tiveram uma influência importante ou durável sobre sua felicidade. (Condorcet, 2008: 103)

- 49 Para o autor, o detalhamento dos países poderia ser mais facilmente assimilado por meio da leitura, sem o acompanhamento de um professor.
- 50 Pelas estreitas relações que o modelo educacional brasileiro teve com a educação estrangeira, sobretudo francesa, podemos perceber o quanto a literatura desse país foi importante para estudo da Geografia nas primeiras décadas do século XIX. Podemos enxergar, também, como esse saber constituiu parte dos estudos da mocidade brasileira nas mãos de mestres religiosos atuantes no sistema educativo da época, que entenderam a relevância do ensino de Geografia como conhecimento importante a ser transmitido aos futuros dirigentes da nação. Obras de referendados geógrafos circulavam pelo Brasil já no final do século XVIII, constituindo parte do repertório de estudos de aspirantes à Universidade de Coimbra.
- 51 Da mesma forma que as obras estrangeiras de Geografia circularam no Brasil e serviram como material de consulta a alunos e professores de Geografia, foi comum o uso de livros didáticos franceses no estudo dessa matéria. Esse foi o caso da Província de São Paulo, no curso preparatório para a Academia de Direito. O professor da cadeira de Geografia no ano de 1839, Julio Frank, utilizava a *Géographie Élémentaire*, de J. P. Jacquier nas suas aulas. Esta obra, dividida em dois volumes, foi publicada em Paris em 1825 pela Chez Raymond Éditeur.
- 52 O Colégio Pedro II, instituição modelo localizada no Rio de Janeiro, capital do Império, também utilizou a literatura francesa nas aulas de Geografia. Segundo Vechia e Lorenz (1998: 29) o programa de ensino para o ano de 1856 adotou o manual *du baccalauréat* e o atlas de *Delamarche* para as aulas de Geografia e História Antiga.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Aluísio de (1998). São Paulo, formosa sem dote? Vida cotidiana da Capitania de São Paulo (1722-1822). In: Moura, C. E. M.. (org.) *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial; Fundação Editora da UNESP; Imprensa Oficial; Secretaria de Estado da Cultura.

Bauab, Fabrício Pedroso (2011). A Geografia Geral (1650) de Bernhardus Verenius: a modernidade da obra. *RA'EGA* n. 23, pp. 121-220. Curitiba: Departamento de Geografia – UFPR.

Brotero, José Maria de Avelar (1844). *Este livro há de servir para o inventário da Biblioteca do Curso Jurídico da Cidade de São Paulo*. São Paulo.

Buchon, J. A. (1825). *Atlas géographique, statistique, historique et chronologique deux amériques traduit de l'atlas execute en Amérique d'après lesage*. Paris: J. Carez Éditeur.

- Capel, Horacio (1989). Historia de la ciencia e historia de las disciplinas científicas. *Geo-Crítica*. Cuadernos críticos de geografía humana, año XII, nº 84, Barcelona: Universidad de Barcelona.
- Capel, Horacio e Urteaga, Luis (1984). *Las nuevas geografías*., Barcelona: Salvat Editores S/A, 3ª reimpressão.
- Condorcet, Jean-Antonie-Nicolas de Caritat, marquis de (2008). *Memórias sobre a instrução pública*. Tradução e apresentação de Maria das Graças Souza. São Paulo: Editora UNESP.
- Deaecto, Marisa Midori (2011). *O império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo: Edusp-Fapesp.
- Documentos Interessantes para a história e costumes de São Paulo, v. 30 (1896). São Paulo: Typographia Paulista.
- Ellis, Myriam (1957). Documentos sobre a Primeira Biblioteca Oficial de São Paulo. *Revista de História* n. 30 pp. 400-447.
- Friero, Eduardo (1981). *O Diabo na Livraria do Cônego; Como era Gonzaga? e Outros temas mineiros*. São Paulo: Ed. Itatiaia: EDUSP, 2 ed. rev. e aum.
- Gomes, Daniel Mendes (2016). *Geografia no ensino secundário em São Paulo (1834-1896)*. Tese de doutorado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Haidar, Maria de Lourdes Mariotto (2008). *O Ensino Secundário no Brasil Império*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2ª ed.
- Humboldt, Alexander von (1811). *Atlas Geographique et Physique du royaume de la Nouvelle-Espagne*. Paris: Chez F. Schoell.
- _____ (1814-1834). *Voyage de Humboldt et Bonpland. Première partie. Relation Historique*. Atlas Géographique et Pysique. Paris: Librairie de Gide.
- _____ (1814-1834). *Atlas Géographique et Physique des regions équinoxiales du nouveau continent*. Paris: Librairie de Gide.
- Jacquier. P-J (1825). *Géographie Élémentaire*. 2 v. Paris: Chez Raymond, Éditeur.
- Longchamps, M. (1821). *Buret de Les Fastes Universele ou Tableaux Historiques, Chronologiques et Géographiques*. Paris: Chez Doudey-Dupré Pere & Fils.
- Moraes, Rubens Borba de (1979). *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.
- Maia, Eduardo José Pereira (2014). *A Geografia Escolar na Província de Minas Gerais no período de 1854 a 1889*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Malte-Brun, C. (1812) *Précis de la Géographie Universelle, ou description de toutes les parties du monde, sur un pan nouveau*, 6 v. Paris: Chez Buisson.
- Rocha, Genylton Odilon Rêgo da (2010). O ensino de geografia e o livro didático no Brasil: da Chorographia Brasília de Aires da Casal a Geografia Moderna de Delgado de Carvalho. In: Vasconcelos, J. G. et al. (orgs). *Tempo, Espaço e Memória: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo*. Fortaleza: Edições UFC.
- Silva, Jeane Medeiros (2012). *A bibliografia didática de Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814-1930)*. Tese de doutorado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

Tatham, George (1959). A Geografia no Século Dezenove. *Boletim Geográfico* nº 150, ano XVII; mai-jun. Rio de Janeiro.

Vieira, Maurício Coelho e Santos, Maurício Santos (1966). As Etapas da Geografia. *Boletim Geográfico* nº 194, ano 25, set-out, Rio de Janeiro. IBGE.

Vechia, Ariclê e Lorenz, Karl Michael (1998). *Programas de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Ed. Do Autor.

Vaugondy, Robert de (1795). *Nouvel Atlas Portatif destine principalement pour l'instruction de la jeunesse d'après la Géographie Moderne de feu l'Abbé Delacroix*. Paris: Chez Delamarche.

Jornais:

Correio Braziliense (Londres), março e abril de 1819.

NOTAS

1. Trata-se do Mons. Luis Castanho de Almeida que, em sua obra São Paulo: formosa sem dote?, usou o pseudônimo de Aluísio de Almeida (Moura, 1998).
2. Há três versões para o nome deste autor: Bernard Varenio, Bernard Varen ou Bernhardus Varenius (Bauab, 2011).
3. O livro além de constar no primeiro inventário da biblioteca em 1825, possui um manuscrito na sua folha de rosto, "Da livraria Pública de São Paulo" (Vaugondy, 1795).
4. Este inventário pertence à secretaria da biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em tem como título "Este livro há de servir para o inventário da Biblioteca do Curso Jurídico da Cidade de S. Paulo", datado em 03 de setembro de 1844 e assinado por José Maria de Avelar, lente do curso jurídico que exercia a função de diretor interino da academia de direito paulista.
5. *Géographe ord. du Roy, et de S. M. Polonoise Duc de Lorraine et de Bar, et de l'Académie Royale des Sciences et belles Lettres de Nancy*.
6. « *Destiné principalement pour l'instruction de la jeunesse* ».
7. « *Géographe successeur de J. Fontin ingénieur mécanicien pour les Globes et Sphère* ».
8. « *C. F. Delamarche Géographe et Successeur de Robert de Vaugondy* ».

RESUMOS

Este trabalho faz parte de um projeto sobre a configuração do ensino de Geografia na Província de São Paulo e visa contribuir para o resgate e análise das obras científicas desse campo do conhecimento nos séculos XVIII e XIX, que, de certa forma, marcaram o conhecimento científico e escolar do século XIX. Após a expulsão dos jesuítas a partir de 1759, a Província de São Paulo começou, ao menos na capital, uma reforma do ensino inspirada no Iluminismo, na versão do despotismo esclarecido português. O conhecimento geográfico estava presente nos programas então desenvolvidos. Neste momento, o estudo da geografia estava baseado, em primeiro lugar na descrição da Terra e isso era considerado moderno e científico. Nesse sentido, o trabalho pauta-se no inventário da primeira biblioteca pública da Província de São Paulo, buscando averiguar não

somente seu caráter ilustrado mas, sobretudo, reconhecer a valorização do ensino de Geografia na província. Que Geografia se ensinava e qual sua importância na reforma do ensino nesta província?

Este trabajo forma parte de un proyecto sobre los orígenes de la enseñanza de Geografía en la Provincia de São Paulo y pretende contribuir al rescate y al análisis de las obras científicas de ese campo del conocimiento en los siglos XVIII y XIX que, de cierta forma, caracterizaron el conocimiento científico y escolar del siglo XIX. Después de la expulsión de los jesuitas de 1759, la provincia de San Pablo comenzó, al menos en la capital, una reforma de la enseñanza inspirada en la Ilustración, al modo del despotismo ilustrado portugués. El conocimiento geográfico estaba presente en los programas entonces desarrollados. En este momento, el estudio de la geografía consistía básicamente en la descripción de la Tierra, lo que era considerado moderno y científico. En este sentido, el trabajo analiza el inventario de la primera biblioteca pública de la provincia de São Paulo, buscando explicar no sólo su carácter ilustrado sino también procurando reconocer la valorización de la enseñanza de Geografía en la provincia. ¿Qué Geografía se enseñaba y cuál fue su importancia en la reforma de la enseñanza en esta provincia?

This work is part of a project on the origins of Geography teaching in the Province of São Paulo and aims to contribute to the rescue and analysis of scientific works related to this field of knowledge in the eighteenth and nineteenth centuries. After the expulsion of the Jesuits in 1759, the Province of São Paulo began, at least in the capital, a reform of the teaching inspired by the Enlightenment, based on the version of enlightened Portuguese despotism, which included Geographic knowledge. At this time, the study of geography consisted primarily on the description of Earth and this was considered modern and scientific. In this sense, this paper analyzes the inventory of the first public library of the Province of São Paulo, seeking to ascertain not only its enlightened character but, above all, to recognize the value of Geography teaching in the province. What kind of Geography was taught and what was its importance in the reform of education in this province?

Cet article fait partie d'un projet sur la configuration de l'enseignement de la géographie dans la province de São Paulo et vise à contribuer à l'analyse des travaux scientifiques de ce domaine de connaissance aux XVIIIe et XIXe siècles. Après l'expulsion des jésuites en 1759, la province de São Paulo commença, au moins dans la capitale, une réforme de l'enseignement inspiré par les Lumières, dans la version du despotisme portugais éclairé. La connaissance géographique était incluse dans les programmes d'enseignement. À cette époque, l'étude de la géographie était basée principalement sur la description de la Terre et cela était considéré comme moderne et scientifique. En ce sens, cet article étudie l'inventaire de la première bibliothèque publique de la province de São Paulo, cherchant à déterminer non seulement son caractère éclairé mais, surtout, à reconnaître la valeur de l'enseignement de la géographie dans la province. Quelle géographie a été enseignée et quelle est son importance dans la réforme de l'éducation dans cette province?

ÍNDICE

Índice geográfico: São Paulo

Palavras-chave: ciência moderna, ensino de geografia, Província de São Paulo

Palabras claves: ciencia moderna, enseñanza de la geografía, Provincia de São Paulo

Índice cronológico: 1759-1825

Keywords: modern science, geography teaching, Province of São Paulo

Mots-clés: science moderne, enseignement de la géographie, province de São Paulo

AUTOR

DANIEL MENDES GOMES

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo